

PODER

Discurso sob medida para agradar Uruguai

Lula tenta convencer país vizinho a não terminar costura de acordo com a China

» INGRID SOARES
» FERNANDA STRICKLAND

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva teve de usar muito do traquejo político que tem para tentar manter aceso o interesse do Uruguai no Mercosul. No encontro que teve com o presidente Luis Lacalle Pou, o petista ressaltou as conexões pessoais que mantém com nomes de peso da sociedade uruguaia e garantiu que pretende tornar mais equilibrada a relação que o Brasil mantém com o vizinho, levando adiante projetos binacionais.

Depois de, dias antes, ressaltar na Argentina a importância do Mercosul e salientar a necessidade de reforçar os laços entre os países integrantes da Celac (Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos), Lula ajustou o discurso diante de Pou. Isso porque, o governo de Montevideu pretende fechar um acordo comercial com a China fora do bloco das nações do Cone Sul. O presidente classificou as demandas uruguaias de “justas” e disse estar “totalmente de acordo” com a proposta do governo vizinho de mudanças no Mercosul.

“O que precisamos fazer para modernizar o Mercosul? Queremos sentar à mesa com nossos técnicos, depois com nossos ministros, e, finalmente, com os presidentes para que a gente possa renovar aquilo que for necessário inovar”, admitiu.



Queremos sentar à mesa com nossos técnicos, depois com nossos ministros, e, finalmente, com os presidentes para que a gente possa renovar aquilo que for necessário inovar (no Mercosul)”

Presidente Luiz Inácio Lula da Silva

Dissuasão

A principal missão de Lula de Montevideu era tentar dissuadir Pou de assinar o Tratado de Livre Comércio (TLC) com a China, que está em fase avançada de elaboração. Tanto que o brasileiro disse ser possível um acordo entre o governo de Pequim e o Mercosul, desde que haja conversas mais profundas e que envolvam técnicos, ministros e presidentes dos países integrantes do bloco.

O brasileiro, porém, tem uma tarefa difícil em função do mal-estar existente entre Argentina e Uruguai. Em dezembro, o presidente Alberto Fernández e Pou se desentenderam durante reunião do Mercosul — o



Quase tudo que fizemos de benefício social no nosso país, em 13 anos de governo, foi destruído em sete anos: três do golpista Michel Temer e quatro do governo Bolsonaro”

argentino acusou o uruguaio de quebrar as regras do bloco, o que implicaria em rompimento.

Lula pontuou, ainda, a necessidade de o Brasil em acelerar e concluir o acordo com a União Europeia (UE), antes de um possível acordo entre China e Mercosul. “É urgente e necessário. Ainda estava no primeiro mandato, em 2003, e se discutia esse acordo. Depois, tive o segundo mandato, e também se discutia. Fiquei fora da Presidência por oito anos, voltei para um terceiro mandato e se discute o acordo Mercosul e UE”, lamentou.

Como forma de tentar atrair o Uruguai, Lula citou projetos de infraestrutura binacionais. E ouviu de Pou apoio do Brasil na

internacionalização do aeroporto de Rivera — que faz fronteira com Santana do Livramento (RS) —, além da construção de uma ponte na fronteira sobre o Rio Jaguarão.

“Têm muitos brasileiros e brasileiras que sonham que o aeroporto de Rivera se converta em um aeroporto internacional. Vamos discutir isso com muito carinho com o ministro de Portos e Aeroportos e logo o presidente terá uma resposta”, disse, para acrescentar. “Estou até envergonhado, porque penso que assinei alguma coisa com o (ex-presidente) Pepe Mujica. Pensei que esta ponte estava pronta e soube que nem começou. Às vezes se reúnem, decidem e quando pensa que vai inaugurar, recebe a notícia que a obra não foi nem começada”, afirmou.

Mas nem tudo no encontro girou em torno da reconstrução do relacionamento com o Uruguai. Houve espaço para a política brasileira recente. Mais uma vez, Lula criticou o presidente Jair Bolsonaro ao afirmar que herdou um Brasil “semidestruído”, com cenário de fome. Também classificou o presidente Michel Temer de “golpista” e acusou os dois de desmontarem as políticas sociais.

“Quase tudo que fizemos de benefício social no nosso país, em 13 anos de governo, foi destruído em sete anos: três do golpista Michel Temer e quatro do governo Bolsonaro. Por isso, o lema do meu governo é união e reconstrução”, destacou.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo

Luizazedo.df@dabr.com.br



Reeleição de Lira muda o foco político de Lula

Os 513 deputados federais eleitos em outubro do ano passado tomarão posse no próximo dia 1º, em sessão marcada para as 10h, no Plenário Ulysses Guimarães. No mesmo dia, às 16h30, começa a sessão destinada à eleição do novo presidente e da Mesa Diretora para o biênio 2023/2024. Haverá troca de posições na composição (11 cargos), mas não na Presidência, pois é praticamente certa a recondução do deputado Arthur Lira (PP-AL) ao comando da Câmara.

Ele tem o apoio de 19 partidos, que somam 489 deputados. Em 2021, numa disputa com o presidente do MDB, deputado Balaia Rossi (SP), foi eleito com 302 votos contra 145. No comando da Casa, consolidou seu poder quando o presidente Jair Bolsonaro, temendo um impeachment, decidiu entregar o Orçamento da União e a Casa Civil da Presidência ao PP. A abertura do processo de impeachment é um ato monocrático do presidente da Câmara e, quando isso ocorreu, virou um trem descarrilhado nos governos Collor de Mello e Dilma Rousseff, que foram depostos constitucionalmente.

A época do acordo com o Centrão, o filho do presidente da República, senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), estava acossado pelas investigações do escândalo das rachadinhas na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e pelo envolvimento de um capitão da PM-RJ que fora seu assessor parlamentar no assassinato da vereadora carioca Marielle Franco (PSol). Um vizinho miliciano de Bolsonaro, na Barra da Tijuca, no Rio, foi apontado como um dos executores. O governo também já estava mal das pernas, com grande perda de popularidade. Ou seja, as coisas estavam do jeito que o Centrão gosta.

Apesar de aliado de Bolsonaro, cuja reeleição apoiou, Lira prontamente reconheceu a vitória do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Na primeira reunião entre ambos, o petista sinalizou que não interferiria nas eleições para a presidência da Câmara e do Senado. Foi uma declaração sensata e já esperada, mas a rapidez com que a bancada do PT decidiu apoiar a reeleição de Lira surpreendeu o próprio presidente da República.

A explicação veio na hora de cobrir o rombo no Orçamento de 2022, que Bolsonaro estourou durante a campanha eleitoral. Lira demonstrou pronto apoio à chamada PEC da Transição, que autorizava o governo a gastar aproximadamente R\$ 170 bilhões fora do teto de gastos.

Lula poderia ter resolvido o problema da falta de recursos para o Bolsa família por medida provisória, no primeiro dia de governo, mas foi pressionado pela bancada do PT e os próprios aliados a apoiar a PEC e embutir no projeto o jabuti do pagamento das emendas parlamentares do chamado orçamento secreto de 2022, que não haviam sido executadas. Petistas e aliados avaliaram que esse seria o primeiro passo para uma relação amigável com Lira, fundamental para a sustentação política do novo governo no Congresso. O Centrão é o fiel da balança da governabilidade de Lula. A recondução do deputado muda completamente o eixo político do governo, hoje focado na desmilitarização do Palácio do Planalto e dos ministérios, e na despolíticação das Forças Armadas. O foco agora é o Congresso.

ARTICULAÇÕES ESTÃO INTENSAS PARA DIVISÃO DE CARGOS DA MESA E DAS COMISSÕES

Guerra surda

O líder do governo na Câmara, José Guimarães (PT-CE), também articula a reeleição de Lira. O PT terá a segunda maior bancada da Câmara, com 68 deputados. Com os partidos que compõem a Federação (PCdoB e PV), chega-se a 80 parlamentares, ficando atrás do PL, com 99, o partido de Bolsonaro.

Lira começou a agregar apoios em novembro de 2022. Além do PP e do PL, reuniu ainda o União Brasil, que terá a terceira maior bancada, Republicanos, Podemos, PSC e Mais Brasil (fusão PTB e Patriota), que formam o Centrão. PSD, MDB, PDT, PSDB, Cidadania, Solidariedade, Pros também aderiram. O PSol, na federação com a Rede, que soma 14 deputados, lançará a candidatura do deputado Chico Alencar (RJ), que está de volta à Câmara.

Há uma disputa surda por lugares na Mesa e nas Comissões, que são distribuídos de acordo com o tamanho das bancadas, mas podem ser disputados de forma avulsa. Sóstenes Cavalcante (PL-RJ), aliado de Bolsonaro e presidente da bancada evangélica, pleiteia a primeira vice-presidência da Câmara. O PT quer a deputada Maria do Rosário (RS) na cobiçada primeira-secretaria.

Outra disputa importante é pela vaga aberta pela aposentadoria da ministra Ana Arraes, no Tribunal de Contas da União (TCU), cargo indicado pela Câmara. A escolha será em 2 de fevereiro. Lira trabalha para garantir a eleição de Jhonatan de Jesus (Republicanos—RR), de 39 anos, que vem a ser o responsável pela indicação dos últimos três diretores do Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami (Dsei-Y) e tem uma série de denúncias do senador Telmário Mota (Pros-RR).

O órgão é investigado pela Polícia Federal por fraude na compra de remédios, deixando pelo menos 10 mil crianças indígenas sem medicamentos. Uma operação da PF realizada em novembro, cumpriu 10 mandados de busca e apreensão no órgão ligado ao Ministério da Saúde. A crise dos ianomamis virou uma dor de cabeça para Jhonatan, que sonha com os 36 anos que poderia passar no TCU.

Também disputam a vaga Soraya Santos (PL-RJ), Hugo Leal (PSD-RJ) e Fábio Ramalho (MDB-MG).

Dante Fernandez/AFP



Lula cumprimenta Pou depois de dizer aquilo que o uruguaio queria escutar: que concorda com modificações para tornar o Mercosul mais ágil

Temer recomenda: olhe para a frente

» VICTOR CORREIA

O presidente Michel Temer rebateu o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que em discurso em Montevideu o chamou mais uma vez de “golpista”. Segundo o ex-chefe do Executivo, o Brasil foi “vítima” de um golpe de sorte e disse que o impeachment de Dilma Rousseff foi resultado da aplicação da “pena prevista para quem infringe a Constituição”.

“Mesmo tendo vencido as eleições para cuidar do futuro do Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva parece insistir em manter os pés no palanque e os olhos no retrovisor, agora tentando reescrever a história

por meio de narrativas ideológicas. Ao contrário do que ele disse, hoje (ontem), em evento internacional, o país não foi vítima de golpe algum. Foi, na verdade, aplicada a pena prevista para quem infringe a Constituição”, diz a nota de Temer, publicada nas redes sociais.

Temer também rebateu a fala de Lula, que o acusou de destruir as políticas públicas dos governos do PT. “Sobre ele ter dito que destruiu as iniciativas petistas em apenas dois anos e meio de governo, é verdade: destruiu um PIB (Produto Interno Bruto) negativo de 5% para positivo de 1,8%, inflação de dois dígitos para 2,75%, juros

de 14,25% para 6,5%”, afirmou.

Ele citou, ainda, a queda do desemprego de 13% para 8%, o que atribuiu à reforma trabalhista; a recuperação da Petrobras e de outras estatais; e o crescimento da Bolsa de Valores de 45 mil pontos para 85 mil pontos.

“Cometi a destruição de elevar o recorde na produção de grãos, nas exportações e na balança comercial. Como se vê, com a nossa chegada ao governo, o Brasil não sofreu um golpe institucional. Foi, sim, ‘vítima’ de um golpe de sorte. Recomendo ao presidente Lula que governe olhando para a frente, defendendo a verdade, praticando a harmonia e pregando a paz”, alfinetou.

» Bolsonaro volta para nova cirurgia

Após sofrer obstrução intestinal nos Estados Unidos, no início de janeiro, o presidente Jair Bolsonaro deverá passar por nova cirurgia no intestino quando voltar ao Brasil. Ele telefonou para seu cirurgião, Antonio Macedo, manifestando interesse na operação por causa dos recorrentes quadros de obstrução. O médico disse que Bolsonaro não informou a data de retorno, mas que estará disponível para a operação.